

VARIEDADES CULTURAIS E LINGUÍSTICAS: sua importância para a formação docente em espanhol como língua estrangeira

Dara Hanna Santiago Silva *
Germana Da Cruz Pereira **

RESUMO

Com o presente escrito, temos como objetivo tratar da essencialidade do trabalho docente com as variedades linguístico-culturais da língua espanhola no processo de ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira (ELE). Para referir-nos às variedades sociolinguísticas, levamos em consideração a divisão de Moreno (2000), já no que tange aos aspectos socioculturais, e diante das diversas compreensões que o termo cultura pode suscitar, nos pautamos principalmente na perspectiva do antropólogo Harris (1990) e dos autores Miquel. L y N. Sans (1992), que a compreendem em: 'cultura minúscula', 'Cultura maiúscula', e 'kultura com k'. Através da discussão acerca de aspectos de destaque no tratamento das diversidades linguístico-culturais da língua espanhola, acreditamos contribuir para a conscientização de professores de ELE perante o papel que a cultura apresenta para o ensino/aprendizagem da língua, além de uma orientação prática nesse trato. Para isso, abordamos questões e conceitos diretamente vinculados à essa prática, assim como defendemos um trabalho cultural refletido desde uma perspectiva intercultural, que vise o respeito, o reconhecimento e a promoção das variedades linguístico-culturais da língua espanhola, e finalizamos com um relato de experiência didática de como levar esse ideal à prática docente.

Palavras-chave: Variedades linguístico-culturais. Interculturalidade. Prática docente.

RESUMEN

Con el presente escrito tenemos como objetivo tratar de la esencialidad del trabajo docente con las variedades lingüísticas-culturales de la lengua española en el proceso de enseñanza/aprendizaje del español como lengua extranjera (ELE). Para referirnos a las variedades sociolingüísticas, llevamos en cuenta la división de Moreno (2000), ya en lo que dice respecto a los aspectos socioculturales, y ante las diversas comprensiones que el término cultura puede venir a suscitar, nos pautamos especialmente en la perspectiva del antropólogo Harris (1990) y de los autores Miquel. L y N. Sans (1992), que la comprenden en: 'cultura a secas (con minúsculas)', 'Cultura con mayúsculas', e 'kultura con k'. A través de la discusión acerca de los aspectos de relieve en el tratamiento de las diversidades lingüístico-culturales de la lengua española, creemos contribuir para la concientización de profesores de ELE ante el papel que la cultura presenta para la enseñanza/aprendizaje de la lengua, más allá de una orientación práctica en ese trato. Para ello, pretendemos ocuparnos de cuestiones y conceptos directamente relacionados a esa práctica, así como defender un trabajo cultural pensado desde una perspectiva intercultural, que se dirija hacia el respeto, el reconocimiento y el fomento de las variedades lingüísticas-culturales de la lengua española, y finalizar

* Graduanda em Letras Português e Espanhol, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará. E-mail: darahannasantiago@outlook.com

** Professora do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará (UFC), Doutora em Linguística pela UFC e Orientadora da Monitoria Espanhol - Semestres Iniciais (Noturno)- ano 2020. E-mail: germanadacruz@hotmail.com

con el relato de una experiencia didáctica de cómo llevar ese ideal a la práctica docente.

Palabras clave: Variedades lingüístico-culturales. Interculturalidad. Práctica docente.

1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é amplamente difundida e aceita a ideia de que estudar uma língua estrangeira (LE) a envolve em sua completude, desde elementos explicitamente lingüísticos (as formas lingüísticas ou gramaticais - aspectos fonológicos, morfológicos, estruturas sintáticas e elementos lexicais), até o todo cultural que lhe cerca e permite. Entretanto, comumente o professorado apresenta dificuldades na aplicação do conceito à prática, visto que há um longo caminho entre a compreensão de teorias e conceitos que apontam elementos importantes no tratamento didático com uma LE, e como levá-los à prática docente, além de dificuldades que surgem em suas aplicações em aula.

Seja em cursos de graduação, em cursos livres ou escolas regulares, no processo de ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira (ELE), é um grande desafio para o professor alcançar, desenvolver ao longo de poucas horas, todas as habilidades demandadas por um aprendiz de uma LE, havendo uma preferência por elementos estruturais da língua, e quando há a possibilidade e/ou interesse em trabalhar-se com aspectos sociolingüísticos e/ou socioculturais, nota-se frequentemente uma grande predominância no trabalho com o espanhol peninsular, seja, por exemplo, pela facilidade que supõe o uso de materiais didáticos provenientes dessa variedade e que por sua vez tratam a língua e cultura da variedade espanhola como homogênea e hegemônica, ou pela falta de conhecimento, orientação ou recursos do professorado para ir além do que lhes é disponibilizado.

Um trabalho tomando o caráter hegemônico com a variedade espanhola supõe uma pobreza e até ilusão de conhecimento da língua meta, já que cada país nativo da língua espanhola, representa também a existência de uma sociedade e sua(s) comunidade(s) de fala, as quais apresentam suas particularidades socioculturais que se vêem refletidas ou refletem-se na língua. Com isso, e diante da relação direta e constante entre uma língua e sua(s) cultura(s) e compreendendo a extensão e diversidade ao tratar-se de culturas da língua espanhola, se vê necessária uma abordagem na prática de componentes socioculturais e sociolingüísticos de diferentes zonas.

Por estes motivos, o presente trabalho visa tratar da essencialidade do trabalho docente com as variedades lingüístico-culturais da língua espanhola no processo de ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira (ELE). Para referir-nos às variedades sociolingüísticas, levamos em consideração a divisão de Moreno (2000), já no que tange aos aspectos socioculturais, e diante das diversas compreensões que o termo cultura pode suscitar, nos pautamos principalmente na perspectiva do antropólogo Harris (1990) e dos autores Miquel. L y N. Sans. (1992), que a compreendem em: 'cultura minúscula', 'Cultura maiúscula', e 'kultura com k'.

Através da discussão acerca de aspectos de destaque no tratamento das diversidades lingüístico-culturais da língua espanhola, acreditamos contribuir para a conscientização de professores de ELE perante o papel que a cultura apresenta para o ensino/aprendizagem da língua, além de uma orientação prática nesse trato.

Para isso, abordamos questões e conceitos refletindo sobre o trabalho com

a cultura de uma LE desde uma perspectiva intercultural, que vise o respeito, o reconhecimento e a promoção das variedades linguístico-culturais da língua espanhola, e relatamos uma experiência didática desenvolvida pela Monitoria de Semestres Iniciais (Noturno), na Universidade Federal do Ceará, em 2020.

Desta forma, pretendemos contribuir para a reflexão sobre a formação de professores mais conscientes do papel que a cultura apresenta para uma língua, bem como discutir aspectos de destaque no tratamento das diversidades linguístico-culturais da língua espanhola.

1.1. Ensino e aprendizagem de LE's

Antes de adentrar no trabalho docente com aspectos linguístico-culturais, cabe destacar brevemente conceitos essenciais para as correntes atuais de ensino/aprendizagem de LE. Conforme explica Silva (2004), foi a partir dos anos sessenta, especialmente desde Hymes (1978), que se iniciou o desenvolvimento do conceito de Competência, proposto anteriormente por Noam Chomsky (1965). Conceito que impulsionou uma nova perspectiva no processo de ensino/aprendizagem de LE's, mudança de foco do sistema linguístico que sai do conhecimento estrutural dos elementos da língua, para centrar-se no emprego dessa língua e seu contexto de aplicação, partindo da ideia que a língua está diretamente vinculada a seu uso e seus usuários.

Logo, o conceito de Competência Comunicativa foi amplamente desenvolvido na área. Para o presente trabalho, ressaltamos a abordagem proposta por Canale e Swain (1980) conforme aborda Silva (2004, p. 8-9). Silva (2004, p. 8-9) destaca que Canale e Swain (1980) estabelecem que a Competência Comunicativa tem formação a partir de quatro subcompetências: a competência gramatical, a competência sociolinguística, a competência discursiva e a competência estratégica. Tratando de defini-las em termos gerais, os autores estabelecem que: a competência gramatical se refere ao domínio e uso dos elementos estruturais da língua; a sociolinguística trata da compreensão do contexto de emprego da língua; a competência discursiva enfatiza a relevância da formação e compartilhamento de um sentido, pelo emissor e receptor do discurso (oral ao escrito); já a competência estratégica, remete às estratégias utilizadas para diminuir ou resolver problemas no ato comunicativo, devido às imperfeições no domínio da língua.

Tais perspectivas influenciaram mudanças metodológicas no processo de ensino/aprendizagem de LE's, em que podemos destacar a metodologia chamada enfoque comunicativo. Ao final dos anos 1960 e princípio dos anos 1970 com o enfoque comunicativo, o ensino de LE começou a visar o amplo domínio comunicativo, por meio do desenvolvimento das habilidades expressivas (expressão oral e escrita) e interpretativas (compreensão auditiva e leitora) passando a centrar-se no estudo da língua nas funções dos atos comunicativos. Para este fim, o processo de ensino/aprendizagem se dá com práticas consideradas em situações reais do uso da língua e com materiais autênticos da língua, respeitando os códigos socioculturais, isto é, relacionando a língua com significados sociais.

Ainda tratando de aclarar o conceito de enfoque comunicativo, Canale e Swain (1996) apontam que

Se organiza en torno a funciones comunicativas (por ejemplo, pedir disculpas, describir, invitar, prometer) que el alumno o grupo de alumnos debe conocer y pone el énfasis en los modos en los que cabe usar determinadas formas gramaticales para expresar tales funciones de manera adecuada. (CANALE e SWAIN, 1996, p. 54)

Seguindo tais mudanças metodológicas referentes ao seu ensino e aprendizagem com enfoque comunicativo, o *Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación* (Instituto Cervantes, 2002), detalha de forma didática as competências comunicativas, a partir dos seguintes componentes: o linguístico, o sociolinguístico, e o pragmático. A competência linguística inclui os conhecimentos estruturais da língua: léxicos, fonológicos, sintáticos, morfológicos; a competência sociolinguística se refere ao uso dos elementos da língua associados à sociedade e cultura de uma determinada comunidade de fala; e a pragmática, que ressalta a importância relativa ao seu contexto de uso.

Dessa forma, por esta constante e direta relação entre uma língua e sua(s) cultura(s), percebida através da relação entre os acima citados componentes, para alcançar êxito no ensino e aprendizagem de uma LE, é imprescindível uma permanente associação entre o componente cultural e os outros elementos da LE.

Cabe destacar também que, além do reconhecimento da relevância e necessidade em ter presente aspectos culturais no ensino e aprendizagem de LE, ao tratar de cultura na prática docente cabe ter em mente com que aspecto(s) de cultura se pretende trabalhar, que abordagem se pretende utilizar ao tratar sobre o(s) tema(s), e no tocante especialmente do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE), questões que tocam as dificuldades encontradas pelo professorado de ELE, como as variedades linguístico-culturais do espanhol, sobretudo diante da problemática da hegemonia da variedade do espanhol peninsular e como levar essas particularidades à prática docente.

Com isso, e diante das diversas compreensões que o termo ‘cultura’ suscita, cabe destacar que este trabalho está pautado principalmente em Miquel. L y N. Sans. (1992), que o explicam a partir de três perspectivas: ‘cultura minúscula’, ‘Cultura maiúscula’, e ‘kultura com k’, e na perspectiva do antropólogo Harris (1990). Além disso, traz uma abordagem que o reflete desde uma compreensão intercultural, com aportes de autores como Rozenfeld (2007), Ianuskiewtz (2012) e Tato (2014).

2. CULTURA(S)

Tratando da essencialidade do trabalho com o aspecto cultural na prática do docente de LE, especificamente no tocante ao ELE, como é nosso foco, merece atenção a compreensão, ou compreensões, que o conceito de cultura pode despertar. Com isso, e conforme a ampla gama de assuntos que o termo suscita, para nosso trabalho consideramos a conceptualização levantada pelo antropólogo estadunidense Marvin Harris (1990) em seu livro *Antropologia Cultural*. Ademais, tomamos o conceito das três culturas: ‘cultura minúscula’, ‘Cultura maiúscula’, e a ‘kultura com k’, proposto por Miquel. L y N. Sans (2004), no artigo *El componente cultural: un ingrediente más en las clases de lengua*.

Para Harris (1990, p. 20) cultura é “el conjunto aprendido de tradiciones y estilos de vida, socialmente adquiridos, de los miembros de una sociedad. Incluyendo sus modos pautados y repetitivos de pensar, sentir y actuar (es decir, su conducta)”. O antropólogo segue destacando que “...La cultura... en su sentido etnográfico, es ese todo complejo que comprende conocimientos, creencias, arte, moral, derecho, costumbres y cualesquiera otras capacidades y hábitos adquiridos por el hombre en tanto que miembro de la sociedad”. Podemos observar que a percepção de Harris (1990) é de natureza antropológica, envolvendo aspectos

culturais em vários níveis, desde o todo que abarca os modos de vida de uma sociedade, até suas manifestações materiais e imateriais. Facetas estas também propostas por Miquel e Sans (2004), entretanto os autores dividem esses elementos culturais a partir de três compreensões: ‘cultura minúscula’, ‘Cultura maiúscula’, e a ‘kultura com k’.

Por conseguinte, agora trataremos de esclarecer sobre cultura, desde a compreensão de: ‘cultura minúscula’, ‘Cultura maiúscula’, e ‘kultura com k’ apresentadas por Miquel. L y N. Sans. (2004). A ‘cultura minúscula’ “abarca todo lo pautado, lo no dicho, aquello que todos los individuos, adscritos a una lengua y cultura, comparten y dan por sobreentendido” (MIQUEL e SANS, 2004, p. 4). Dessa maneira, podemos compreender que a ‘cultura minúscula’ se refere aos elementos populares de um entorno social, os quais são compartilhados e entendidos como padrões pelos membros de uma sociedade, envolvendo desde tradições materiais, até os costumes imateriais.

Exemplos de tradições materiais seriam: a comum presença de “piñatas” em comemorações de aniversários infantis no México, a criação e queima dos bonecos nomeados de “Año Viejo” na noite de 31 de dezembro em zonas da Argentina, entre outras. Para imateriais, poderíamos ilustrar inclusive com o significado da quebra das “piñatas” na celebração das “posadas” no México, ou a própria simbologia da queima dos bonecos em uma data específica, ou ainda, o significado que carrega para uma convidada solteira em uma festa de casamento conseguir puxar a fita “premiada” com o anel também na Argentina, entre tantas outras manifestações. Ou, ainda, como exemplificam Miquel e Sans (2004, p. 4) em termos de atuação social, tradições imateriais que são conhecimentos que permitem agir adequadamente diante de circunstâncias, assim se alguém sabe que na Espanha no dia seis de janeiro se celebra a festa dos Reis Magos, ou que somente se almoça entre duas e três da tarde, ou ainda, que diante de um elogio, é prudente reagir tirando importância da qualidade elogiada, não haverá prejuízos sociais. Assim, há a compreensão dos costumes, tradições e modos de vida da sociedade em questão.

A ‘Cultura maiúscula’ não é compartilhada por todos os membros de uma sociedade. É um saber, que se adquire, como por exemplo, ler e compreender uma obra literária ou uma obra de arte. Nesse sentido, poderíamos perceber que ‘Cultura maiúscula’, está mais bem relacionada à um dos primeiros tratamentos para o termo, o qual relaciona cultura à ideia de civilização, à ideia de aquisição. Relacionada a essa compreensão, Salomão (2015, p.364) destaca que Cucho (2012) a define como a “soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade”, isto é, conhecimentos privilegiados, a ‘cultura das artes’, a ‘cultura das ciências’.

Além disso, Miquel e Sans (1992) propõem o entendimento de ‘kultura’. Concepção que assume a presença de “culturas”, isto é, quando associamos uma cultura a um determinado espaço geográfico e seus membros, dentro dessa cultura maior, existem variadas culturas, cada uma com suas particularidades. São culturas relacionadas a contextos, situações, como em contextos comunicativos entre jovens, grupos étnicos, etc.

Com o vital contato entre distintos povos, o inevitável intercâmbio de ideias, crenças, costumes, saberes, logo professor e corpo discente se depararam com novos mundos. Sociedades culturalmente diversas, em uma sociedade moderna que cada vez mais é mais multicultural. Diante disso, cresce uma iminente necessidade de compreensão do “outro”, abertura, respeito e tolerância diante das alteridades dessa(s) nova(s) cultura(s).

Em consequência, ademais de enfatizarmos o trabalho docente com esse todo cultural que compõe uma sociedade: seus costumes, tradições, sua história e outros tantos elementos, cabe ressaltar a essencialidade de como se dará esse trabalho, isto é, o tipo de abordagem perante o estudo de cultura(s) no ensino e aprendizagem da LE. Diante da necessária consciência perante a cultura do “outro”, acreditamos no êxito de compreender cultura buscando refleti-la desde uma perspectiva intercultural.

2.1. Interculturalidade

Compreender uma cultura desde uma abordagem intercultural significa o incentivo ao reconhecimento e respeito perante as características gerais e particularidades de cada povo e de sua língua, ajudando o aluno a refletir primeiro sobre sua própria língua/cultura, logo então, buscar conhecer melhor sobre a LE. Segundo Rozenfeld (2007, p.72), tratar sobre cultura desde uma perspectiva intercultural significa “a reflexão, sensibilização e compreensão de aspectos da cultura-alvo, assim como sobre a própria cultura”.

Trata-se de desenvolver uma consciência intercultural no estudante que ajude a compreender e valorizar a própria língua e cultura e a do “outro”. Trata-se de promover uma visão mais crítica e reflexiva sobre a cultura e uma consequente superação de estereótipos. Segundo o Instituto Cervantes (2002, p. 101) uma consciência intercultural significa

El conocimiento, la percepción y la comprensión de la relación entre el «mundo de origen» y el «mundo de la comunidad objeto de estudio» (similitudes y diferencias distintivas) producen una conciencia intercultural, que incluye, naturalmente, la conciencia de la diversidad regional y social en ambos mundos, que se enriquece con la conciencia de una serie de culturas más amplia de la que conlleva la lengua materna y la segunda lengua, lo cual contribuye a ubicar ambas en su contexto. (INSTITUTO CERVANTES, 2002, p. 101)

Além de destacar uma atitude reflexiva entre culturas, que, além disso, extrapola o ensino de LE, o estudante trabalha a habilidade de interagir de maneira mais efetiva com pessoas dessas outras culturas, isto é, sua capacidade de se comunicar entre culturas. Por isso, o Instituto Cervantes (2002, p. 102) propõe destrezas e habilidades para desenvolver adequadamente a competência intercultural no alunado, incluindo: a) A capacidade de relacionar entre si a cultura de origem e a cultura estrangeira; b) A sensibilidade cultural e a capacidade de identificar e utilizar uma variedade de estratégias para estabelecer contato com pessoas de outras culturas; c) A capacidade de cumprir o papel de intermediário cultural entre a cultura e a cultura estrangeira, e de abordar com eficácia más interpretações interculturais e as situações conflitivas; e d) A capacidade de superar relações estereotipadas.

Vale destacar que, como aponta Tato (2014, p. 19), em razão do caráter de contínuo devir do todo cultural, o professor não pode transmitir conhecimentos fechados, antes é seu papel estimular uma aprendizagem autônoma no estudante. Com isso, trabalhar cultura não significa transmitir informações, deve-se provocar reflexão no estudante e assim, caminhar rumo a uma consciência intercultural.

Essa trajetória, atualmente, com as novas tecnologias se vê facilitada tanto para o professorado como para a orientação dos próprios estudantes, visto que a busca por informações e manifestações culturais das mais variadas possíveis também pode dar-se por meio de recursos vários, como vídeos, áudios, canções,

revistas, jornais, quadrinhos, fotografias, relatos, e outros. Se nos referimos a algo, seja uma celebração, uma dança, um ritual, uma lenda, uma crença, um prato, um sotaque, uma expressão, etc., como professores podemos levar à nossas aulas, compartilhar, e/ou estimular no estudante a busca pelo sentido real e livre de estereótipos, e uma melhor contextualização dessas expressões culturais. Como aponta Ianuskiewtz (2012, p. 107), vai além de conhecer fatos, trata-se de compreendê-los pela forma como estão interligados.

3. A LÍNGUA ESPANHOLA, A HETEROGENEIDADE DENTRO DA HOMOGENEIDADE

Como afirma Moreno (2000, p.15) a língua espanhola é relativamente homogênea em relação ao sistema vocálico com cinco elementos, ao sistema consonântico com dezessete unidades em comum entre suas variedades, assim como com o léxico, além de uma sintaxe com a presença moderada de variações. Essa homogeneidade, entretanto, não é incompatível com “la existencia de variedades internas nacidas en distintas áreas geográficas o en diferentes grupos sociales” (MORENO, 2000, p. 15).

A língua espanhola é oficial, e em alguns casos co-oficial, em: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Espanha, Guatemala, Guiné Equatorial, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Saara Ocidental, Uruguai e Venezuela.

Diante dessa heterogeneidade linguístico-cultural, uma simples possível oposição entre dois polos: o espanhol europeu e o americano, não atenderia de forma alguma à complexidade multicultural de todos os países da América que possuem o espanhol como língua oficial ou co-oficial.

Indo além, para referir-nos às variedades linguísticas de países hispano falantes, trazemos a divisão de Moreno (2000), que tratando das variedades da língua espanhola e seu ensino, a nível didático, divide e caracteriza as variedades do espanhol da América em zonas, a saber: Caribe, México e Centro América; a área andina (Colômbia, Equador, Peru e Bolívia); a zona austral (Argentina, Uruguai e Paraguai); e o Chile. Além disso, Moreno trata da Espanha e suas variedades dialetais (espanhol: castelhano, de Andaluzia, de Canárias). O dialectologista e sociolinguista trata sobre essas variedades considerando os fenômenos: fonéticos, fonológicos, gramaticais, morfossintáticos e lexicais.

3.1. A hegemonia do espanhol peninsular

Apesar da consciência da existência dessas diversidades que compartilham a mesma língua, há um ponto que costuma recorrer às discussões docentes de ELE. Trata-se da ainda presente hegemonia no ensino do espanhol peninsular, inclusive devido aos materiais didáticos. Fato que pode motivar o estudante a identificar-se com uma variedade em detrimento de outras.

Buscando as causas do domínio do espanhol europeu, vemos que o investimento e preocupação com a disseminação da língua e cultura espanholas a nível internacional não é recente. O chamado hispanismo, como define Navarro (2002) é “el marco de proyección internacional de la cultura en español”. Difusão que ocorre por diversos meios como: literatura, meios de comunicação, arte, investigações científicas, históricas, pensamento filosófico, entre outros.

E diante desse cenário, é antigo o maior protagonismo da Espanha nas relações culturais internacionalmente, o que influi também nas relações políticas e

econômicas, que por sua vez, atuam de forma circular difundindo o hispanismo no mundo e a predominante força espanhola perante outras variedades.

Grande parte dos centros de ensino de língua adotam materiais de ELE de editoras espanholas. Sobre o tema, Araujo e Bueno (2014, p. 8) destacam as vantagens econômicas da Espanha sobre o Brasil, em contrapartida de um raro investimento dos países hispano-americanos, visto que

Engajadas nas vantagens econômicas que a língua pode oferecer, as políticas da Espanha incentivam o domínio do mercado editorial espanhol, produzindo cada vez mais livros didáticos e outros materiais com traços linguísticos exclusivamente da variedade castelhana. (ARAUJO e BUENO, 2014, p. 8)

Por outro lado, como destaca Camargo (2004) a problemática também se instaura em razão da

ausência de uma política clara e eficiente de difusão lingüístico-cultural entre os países que compõem o Mercosul o que, conseqüentemente, também implicou na ausência de uma política de publicação e distribuição de materiais didáticos pertinentes para o ensino do espanhol falado e escrito na região. (CAMARGO, 2004, p. 143)

Sobre a problemática da hegemonia do trabalho didático com o espanhol peninsular, Araujo e Bueno (2014, p. 8) apontam que, pode resultar em “posturas estigmatizadas quanto aos outros povos hispano-falantes”. De forma que, pelo prestígio do status social que o espanhol peninsular pode oferecer, os estudantes tendem a ver-se mais vinculados apenas a esta variedade, e, em consequência, pode haver uma tendência a rotular e/ou conhecer apenas de maneira estereotipada outras variedades. Outro ponto que reforça a essencialidade do trabalho docente é a multiculturalidade dos países de língua espanhola.

Apesar do constante, antigo e presente hispanismo com domínio espanhol nos meios didáticos, sabe-se que há uma crescente e forte difusão cultural dos países hispano-americanos em diversos setores nos dias atuais. Assim como esse cenário, paulatinamente, vem sendo alterado pelo esforço e consciência por parte do corpo docente, às vezes até mesmo das instituições de ensino, mesmo que haja, ainda, muito que avançar na prática de sala de aula.

4. A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA ESPANHOLA E SUAS CULTURAS E A PRÁTICA DOCENTE

Até o presente momento, a diversidade da língua espanhola e a necessidade de uma abordagem que a contemple e/ou a reconheça foram tratadas, além de questões que acreditamos apresentarem relação direta com a temática.

Assim, diante das considerações precedentes, cremos que na prática docente existem algumas questões chave para professores de LE, como: “O que é a docência de uma LE? Trata-se somente de ensinar gramática? Vocabulário? Ou o que mais?”, “Qual a importância de trabalhar cultura?”, “O que é cultura?”, “Como colocar em prática esse trabalho?”, discussão seguida por uma reflexão sobre interculturalidade e a prática docente do ensino e aprendizagem de ELE promovendo o estudo de culturas.

Com isso, acreditamos que o primeiro passo para que as aulas de ELE possam contemplar melhor a heterogeneidade da língua e culturas espanholas, está na consciência e orientação dos docentes de ELE diante da importância de desenvolver tal trabalho. Porém, muitas vezes, o problema está no processo de

formação desses profissionais, visto que é recorrente uma formação para atuação docente que se limite a teoria, sem maiores exemplos, experiências e orientações voltadas à prática de como realizar esse trabalho como docente de ELE.

Esse déficit pode dar-se por diversas razões como, por exemplo, que nos cursos de graduação de ELE os professores acabam não dispondo de tempo suficiente para trabalhar com os futuros docentes aspectos culturais, tampouco desde uma abordagem comunicativa da língua, visto que como suas aulas são voltadas para a formação de professores da língua, que estão no espaço para se tornarem experts na língua. Por isso, é frequente o foco nos elementos estruturais da língua, ficando o contato desses professores em formação com a(s) cultura(s) da língua estudada especialmente com a ‘Cultura maiúscula’ e em poucos momentos (como em seminários avaliativos) com aspectos da “cultura minúscula”.

Diante dessa problemática, realizamos um trabalho de conscientização e tratamento das variedades linguístico-culturais da língua espanhola através do projeto de Monitoria da Língua Espanhola – Semestres Iniciais (Noturno), da Universidade Federal do Ceará, desenvolvido ao longo de dois semestres (2020.1 e 2020.2) com alunos inicialmente do primeiro semestre do curso e avançando para o segundo semestre.

O projeto foi desenvolvido de forma remota, tendo em vista a pandemia de Covid-19. Demos início aos encontros, discutindo sobre o conceito, importância e abordagem de cultura(s) nas aulas de ELE. Nos seguintes encontros trabalhamos em uma abordagem prática com variedades da língua espanhola.

De acordo com a divisão de Moreno (2000), elegemos um país de cada uma das quatro zonas dialetais da América e o espanhol peninsular. Para tratar de cada país tínhamos dois ou três encontros. Devido o projeto ter tido duração de dois semestres, não houve possibilidade de abarcar mais variedades, visto que a monitoria necessitava atender a outras necessidades da disciplina, por isso, alguns encontros eram voltados para outras temáticas.

No primeiro encontro, abordamos aspectos como: tradições, crenças, costumes, já no segundo encontro, o foco se voltava para os aspectos sociolinguísticos, relativos ao país em questão. Nesse último, buscamos abordá-lo de forma contextualizada, trazendo amostras reais da língua por meio de memes, tirinhas, etc.

No encontro seguinte, o foco se voltava para alguma atividade interativa para a prática sobre informações relativas ao encontro anterior, como Quiz, jogos digitais (como o jogo de emparelhamento/ memória, perguntas de múltipla escolha) em plataformas como Kahoot e LearningApps. Logo, os alunos apresentavam acerca de algum tema, incluindo a variedade linguística da região ou elementos das três “culturas”, como, por exemplo, a apresentação de lendas, autores, comemorações, diálogos com elementos linguísticos da área, etc. Por fim, era solicitada uma produção textual sobre o país ou alguma temática em particular envolvendo-o.

Tratando de aclarar acerca de uma abordagem prática do trabalho com cultura que fomenta o respeito intercultural, a reflexão desde uma perspectiva entre culturas pode-se dar, por exemplo, através da leitura e debate sobre um texto que apresente estereótipos do país do estudante, levando-o a buscar conhecer e refletir sobre a cultura do outro, evitando estereótipos, para a compreensão de que algo que possa ser percebido como “estranho” para nossa cultura, é apenas diferente. Uma possibilidade seria levar o estudante a conhecer as raízes desta tradição, com questionamentos como: “Por que no México alguns pratos levam insetos?”, “Por que

em algumas comunidades existe um ritual com homens dançando ao redor de um bastão?”, ou “Por que celebram o *Día de los Muertos*?”. Por meio de tratamentos didáticos assim, acreditamos caminhar para a reflexão sobre a criação de estereótipos, sobre a própria cultura, além de promover o respeito e reconhecimento das variedades e particularidades culturais.

Com o projeto, cremos haver contribuir para a formação de professores mais conscientes do papel que a cultura apresenta para uma língua, especificamente o espanhol, e haver apresentado aspectos relevantes em uma abordagem prática ao tratar das diversidades culturais da língua espanhola.

5. CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados ressaltam como uma língua está em constante relação com a sociedade e cultura(s) da comunidade de fala, fato que a torna indissociável de sua(s) cultura(s). Relação direta essa que converte o tratamento cultural no processo de ensino/aprendizagem de uma LE como essencial.

Tratando-se da língua espanhola, diante da multiplicidade linguístico-cultural de países nativos da língua, cada um com suas particularidades, acreditamos também que deve ser objetivo do professorado uma abordagem satisfatória com os componentes sociocultural e sociolinguístico das variedades da língua.

Objetivo que consequentemente destaca o imprescindível papel do professor em apresentar e refletir sobre aspectos como: tradições, costumes, crenças, informações, culinária, história; mais típicos a nível nacional e também referentes a algumas regiões em específico. Além de um trabalho que trate das variedades da língua visando a quebra ou não criação de preconceitos linguísticos diante de variedades menos prestigiadas socialmente, assim como um melhor uso e conhecimento da língua.

Apesar das necessidades observadas, cabe ter em mente que, tratando do ensino de ELE, seja em cursos de graduação, seja em cursos livres ou no ensino secundário, majoritariamente, se configura um desafio para seu docente o pleno desenvolvimento de todas as habilidades demandadas por seu aprendiz ao longo de algumas horas/ aula.

Além disso, igualmente há dificuldades, em virtude do amplo trabalho que pode sugerir o fato de a língua espanhola ser nativa de vários países, em que cada um deles apresenta suas particularidades linguístico-culturais, que vão desde o sistema linguístico e o que está ao seu entorno, até suas compreensões de mundo, crenças, costumes, e outros.

Com isso, acreditamos que obviamente, diante de poucas horas/aula, um professor não alcançaria tratar das variedades lexicais, fonológicas, morfossintáticas e gramaticais, associados a todas as distintas sociedades, assim como de suas respectivas culturas, inclusive porque existem “culturas” dentro do todo cultural relativo a cada país. Porém, cremos que é possível levar aos discentes, futuros docentes de ELE, reflexões sobre variedades linguístico-culturais, bem como ao menos parte desses dialetos, assim como costumes de seus respectivos grupos sociais, e, sobretudo, ter um professorado consciente e capaz de mediar esse processo de ensino/ aprendizagem visando o reconhecimento, o respeito e a promoção desses elementos na(s) cultura(s) do “outro”.

Diante do exposto, encerramos nossas considerações com as palavras do linguista Marcos Bagno, cuja afirmação pode ser estendida também às compreensões de culturas:

E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. (BAGNO, 2002, p. 52)

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Leandro Silveira de; BUENO, Rafaela Giacomini. **POSICIONANDO-SE FRENTE À DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: O CASO DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**. Revista do SELL, 2014, v. 4, no. 1. Disponível em: >> <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/419/612> << Acesso em: 08 de ago. de 2021.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 16 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BEGHADID, Halima Maati. **El enfoque comunicativo, una mejor guía para la práctica docente**. Publicado por Instituto Cervantes, 2013. Disponível em: >https://cvc.cervantes.es/ENSEÑANZA/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/oran_2013/16_beghadid.pdf< Acesso em: 29 de abr. de 2021.

CAMARGO, Moacir Lopes de. **O ENSINO DO ESPANHOL NO BRASIL: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA**. Trabalhos em Linguística Aplicada (43) – Jan./Jun. 2004. Disponível em: >> <https://www.scielo.br/j/tla/a/jYvZ8ksmdnr4ggjdCYjgJWN/?lang=pt&format=pdf> << Acesso em: 08 de ago. de 2021.

CANALE, Michael; SWAIN, Merrill. **Fundamentos teóricos de los enfoques comunicativos: La enseñanza y la evaluación de una segunda lengua**. Signos. Teoría y práctica de la educación, 17 Jan/Mar 1996 Páginas 54/62 ISSN: 1131-8600. Tradução de Miguel A. Murcia. Disponível em: >> http://quadernsdigitals.net/datos_web/hemeroteca/r_3/nr_45/a_662/662.html << Acesso em: 04 de ago. de 2021.

INSTITUTO CERVANTES (2002). **Marco Común Europeo de Referencias para las Lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación**. Madrid: Instituto Cervantes.

HARRIS, Marvin. **Antropología cultural**. Antropología Alianza Editorial. El Libro de Bolsillo: 1990. Tradução de Vicente Bordoy e Francisco Revuelta.

IANUSKIEWITZ, Andréia Dias. **Aspectos inter(culturais) no ensino-aprendizagem de língua estrangeira**. Revista Iluminart, capa nº 8, 2012.

LÓPEZ MIQUEL, Lourdes; SANS, Neus. **El componente cultural: un ingrediente más en las clases de lengua**. Revista Electrónica de Didáctica ELE, Madrid, 2004, n. 0, marzo.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Qué español enseñar**. ARCO/ LIBROS, S.L. 2000.

NAVARRO, Gonzalo Navajas. **El hispanismo en la era global**. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. 2002. Disponível em: >> http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/el-hispanismo-en-la-era-global-0/html/01c6610c-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html#l_0 << Acesso em: 08 de ago. de 2021.

ROZENFELD, C.C.F. Crenças sobre uma língua e cultura-alvo (alemã) em dimensão intercultural de ensino de língua estrangeira. 197f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de São Carlos, 2007. Disponível em: >><https://www.sorocaba.unesp.br/Home/Biblioteca/modelo-de-citacoes2.pdf><< Acesso em: 06 de mai. de 2021.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **O componente cultural no ensino e aprendizagem de línguas: desenvolvimento histórico e perspectivas na contemporaneidade.** *Trab. linguist. apl.* [online]. 2015, vol.54, n.2, pp.361-392.

SILVA, Vera Lúcia Teixeira da. **Competência Comunicativa em Língua Estrangeira. (Que conceito é esse?).** SOLETRAS, Ano IV, N° 08. São Gonçalo: UERJ, jul./dez.2004.

TATO, M^a Silvina Paricio. **Competencia intercultural en la enseñanza de lenguas extranjeras.** *Porta Linguarum* n° 21, jan. 2014. Disponível em: >> https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/30491/Paricio_CompetenciaInterculturalLE.pdf?sequence=1 << Acesso em: 06 de mai. de 2021.